

## Comentário

Richard Miskolci\*

Um poema de fins do século XIX descreve dois personagens em um belo jardim. Voltando-se para o de aparência triste, o poeta pergunta quem ele é e ouve a seguinte resposta: “Meu nome é amor”. Nesse momento, o outro personagem se dirige ao poeta e grita:

Mente. Porque seu nome é vergonha. E eu sou o amor. E queria estar só neste jardim até que ele chegou, sem ser convidado, à noite. Sou o amor verdadeiro, preencho os corações de rapaz e moça com chama mútua. Então, suspirando, o outro disse: Como queira, eu sou o amor que não ousa dizer seu nome.<sup>1</sup>

O poema *Dois Amores* (1894) de Lorde Alfred Douglas não apenas consagrou uma forma de compreender o amor entre pessoas do mesmo sexo, como ainda expôs uma estratégia do poder no que concerne à forma como nossa sociedade divide as vidas sentimentais entre as enunciáveis e as que só existem no silêncio. Ao contrário do que pode parecer, são vidas umbilicalmente relacionadas, pois como advertiu Michel Foucault:

Não se deve fazer divisão binária entre o que se diz e o que não se diz; é preciso tentar determinar as diferentes maneiras de não dizer, como são distribuídos os que podem e não podem falar, que tipo de discurso é autorizado ou que forma de discrição é exigida a uns e outros. Não existe

---

\* Professor Adjunto de Sociologia, Departamento de Ciências Sociais – Universidade Federal de São Carlos/UFSCar. richardmiskolci@uol.com.br

<sup>1</sup> O poema foi publicado na revista *The Chamaleon* em 1894 e republicado em Read, 1970.

## Comentário

um só, mas muitos silêncios e são parte integrante das estratégias que apóiam e atravessam os discursos (Foucault, 2005:30).

Esta advertência é o ponto de partida de Eve Kosofsky Sedgwick em *A Epistemologia do Armário*. Seu estudo retoma o projeto inicial de Foucault expresso em *História da Sexualidade I: A Vontade de Saber*, ou seja, o objetivo de analisar a sexualidade como um dispositivo histórico do poder fundado em formas de regulação da vida social e individual.<sup>2</sup> A empreitada de fôlego começou cinco anos antes, quando, em seu livro *Between Men – English Literature and Male Homosocial Desire* (1985), a pesquisadora norte-americana uniu a teoria feminista e os antigos estudos gays e lésbicos de maneira a forjar o que hoje denominamos Teoria *Queer*.

Oriunda da crítica literária, assim como a maioria dos pesquisadores dos Estudos Culturais, Sedgwick privilegiou a investigação sociológica de obras literárias para compreender como emergiu a ordem sexual em que vivemos. A escolha de romances, como arquivo privilegiado para a análise sociológica, pode ser explicada pelo fato de que, como observou Edward W. Said (1978:58), é possível reconhecer e construir um arquivo internamente estruturado a partir da literatura que retrata e é parte de certas experiências históricas.

Armada de um arsenal teórico que uniu as ferramentas do feminismo marxista (marcado pelo historicismo) com o feminismo radical (influenciado pelo estruturalismo), Sedgwick incorporou as reflexões foucaultianas para forjar uma metodologia própria. Ao aplicá-la na análise dos triângulos amorosos nos romances da literatura inglesa, demonstrou como a crescente subordinação das mulheres durante o século XIX dependeu da rejeição social às

---

<sup>2</sup> David M. Halperin (1995) apresenta um levantamento da influência e das conseqüências que o primeiro volume de *História da sexualidade* teve para o desenvolvimento da Teoria *Queer* e até de certos grupos ativistas como ACT-UP e Queer Nation.

relações amorosas e sexuais entre homens. Constatou que a homofobia é, necessariamente, misógina e marca não apenas as relações íntimas, mas toda a ordem social no que concerne às relações de poder. Assim, mostrou a necessidade de superação da teoria feminista calcada na oposição homens *versus* mulheres assim como dos estudos de gays e lésbicas como minorias, pois todos nós, homens e mulheres, hetero ou homo-orientados, estamos enredados dentro dos mesmos processos sociais de regulação de nossas vidas a partir da sexualidade.<sup>3</sup>

Este primeiro estudo *queer* abalou a concepção usual da heterossexualidade ao revelar a história de sua construção e, portanto, o fato de que ao invés de natural, ela é compulsória. Ninguém nasce heterossexual, é a sociedade que força a todos a assim serem. Por quê? Porque a heterossexualidade compulsória é a base de toda uma ordem que beneficia com poder os homens que subordinam as mulheres e não se relacionam amorosamente com outros homens. Em outras palavras, vivemos em uma época em que a heterossexualidade é o meio privilegiado de socialização e apenas neste regime de verdade as pessoas são reconhecidas, aceitas e inseridas nas principais instituições sociais.

O empreendimento e a originalidade da investigação de Sedgwick logo se disseminaria e seria incorporado por outros teóricos, mas sua contribuição não parou por aí. Em 1990, publicou *Epistemology of the Closet*, um livro em que estenderia suas investigações para o século XX ao focar em outro importante dispositivo de regulação da vida social: o armário.<sup>4</sup> Coerente com

---

<sup>3</sup> Em um texto publicado pouco tempo depois de *Between Men*, a historiadora feminista Joan W. Scott afirmou que é elusiva uma oposição entre homo e heterossexualidade, já que ambas são interdependentes e partícipes da mesma economia fálica. Esta dinâmica cria, simultaneamente, sujeitos do desejo, legítimos ou não, mas de forma a fazê-los parecer imutáveis, fora da história, em suma, “naturais” (Scott, 1998:303-304).

<sup>4</sup> O presente comentário toma como base não o livro, mas sua versão editada como artigo em 1993 e cuja tradução para o português disponibilizamos neste dossiê.

## Comentário

a recusa *queer* de focar em uma minoria, Sedgwick afirma ser necessário ter em mente que o armário não é um objeto de reflexão apenas sobre aqueles que se relacionam com pessoas do mesmo sexo<sup>5</sup>, mas também o meio de regulação que garante privilégios àqueles que se relacionam com indivíduos do sexo oposto e mantém a ordem heterossexista com suas instituições (como o casamento e a família tradicionais) e seus valores (como a assimetria entre os gêneros). Em suma, o armário não diz respeito apenas àqueles que vivem suas vidas amorosas em segredo, mas também àqueles que usufruem o privilégio de vivê-las abertamente.

O armário é uma forma de regulação da vida social de pessoas que se relacionam com outras do mesmo sexo, mas temem as conseqüências nas esferas familiar e pública. Ele se baseia no segredo, na “mentira” e na vida dupla. Esta tríade constitui mecanismos de proteção que também aprisionam e legam conseqüências psíquicas e sociais àqueles que nele se escondem. Dividir-se em dois, manter uma fachada ilusória entre si mesmo e aqueles com quem convive, exige muito esforço e capacidade para suportar o medo de ser descoberto. O temor cria a necessidade de estar sempre alerta para sinais que denunciem sua intimidade e desejos, evitar lugares e pessoas que o associem a uma identidade temida, força para agir contra seus próprios sentimentos e manter o compromisso com a ordem social que o rejeita, controla e poda das mais variadas formas.

---

<sup>5</sup> Privilégio expressões como “pessoas que se relacionam com outras do mesmo sexo” às mais simples homossexuais, gays e lésbicas, pois este universo das relações amorosas e sexuais é muito mais amplo e diversificado. Ele engloba desde indivíduos que se engajam nestas relações, mas que, em sua imensa maioria, não se identificam como homossexuais, até gays e lésbicas, um grupo restrito cuja vida gira em torno de uma sociabilidade e valores que constituem uma espécie de sub-cultura. Apesar de tudo o que os distingue, o armário está presente na vida de todos eles enquanto o mesmo não pode se dizer de outros homo-orientados como as travestis, cujos interesses eróticos as expõem mais diretamente ao escrutínio público.

Viver no armário é a experiência mais marcante na constituição das subjetividades desses sujeitos de desejos secretos, amores ocultos e relações aprisionadas na intimidade. Estes homens e estas mulheres, evitando a rejeição familiar e social, contribuem para manter suas instituições e valores. É difícil precisar, mas impossível ignorar, como as famílias se mantêm unidas e como o espaço público parece tão esmagadoramente heterossexual graças a este dispositivo, no qual a vontade individual se mescla à contribuição para o próprio assujeitamento e subordinação.

Apesar do exposto, não é possível cair na simples culpabilização de quem vive no armário, pois o temor da rejeição e da violência tem fontes reais. Basta um pequeno levantamento estatístico para comprovar o alto número de ataques físicos e, sobretudo, verbais, a indivíduos homo-orientados.<sup>6</sup> A injúria, a experiência de ser xingado e, portanto, desprezado e humilhado, incentiva o segredo e a busca de invisibilidade.<sup>7</sup> Em um período histórico como o nosso, em que discursos sobre a “crise da masculinidade” mascaram formas mais sofisticadas de homofobia, também percebemos uma reativação do armário, haja vista a relação direta entre ele e contextos homofóbicos.

Desde *Between Men*, Sedgwick alertava para o fato de que a metodologia de análise que desenvolvera não devia ser aplicada em outros contextos sociais e históricos sem uma adaptação cautelosa. Cada sociedade tem suas características próprias, história particular e até mesmo formas diversas de compreender a sexualidade. Assim, ao pensarmos em nossa realidade, deparamo-nos com o fato de que não tivemos nenhum marco do porte de *Stonewall*, tampouco a possibilidade do assumir-se se dá dentro de parâmetros similares aos dos Estados Unidos.

---

<sup>6</sup> Segundo informação apresentada por Anthony Giddens, quase  $\frac{3}{4}$  de gays e lésbicas ingleses relataram ter sofrido agressão verbal em um ano. Cf. Giddens, 2006:192.

<sup>7</sup> Sobre a experiência da injúria e da humilhação que marca a vida de gays e lésbicas consulte Eribon, 2001:29-194 – Um mundo de injurias.

## Comentário

No Brasil, a vida dupla parece aclimatada desde o princípio, já que a divisão entre o lícito e o ilícito segue uma lógica tão paradoxal quanto férrea desde os tempos da colonização. Essa forma de regular a sexualidade (assim como as relações inter-raciais) marca a vida de todos, mas têm conseqüências incomparáveis para pessoas homo-orientadas. Afinal, o machismo brasileiro exige a homofobia, o pânico da homossexualidade e, neste contexto, é compreensível a busca de proteção que cobra o custo de ter a vida pessoal cindida em duas. A divisão visa o equilíbrio (impossível) entre o que é socialmente aceito e os desejos individuais.

Aqui não se desenvolveram nem mesmo espaços amplos de moradia e sociabilidade que poderíamos chamar de bairros gays ou, de forma mais negativa, de gueto. No caso brasileiro, predomina uma sociabilidade dividida entre vida familiar hetero e vida sexual homo na rua.<sup>8</sup> A divisão família-heterossexualidade e rua-homossexualidade aponta para uma provável maior sexualização da vida de homo-orientados em comparação com a dos que moram em países como os Estados Unidos.<sup>9</sup> A sociabilidade dessas pessoas gira em torno da sexualidade, da paquera incessante, das conquistas que se sucedem sem se realizar para além dos encontros sexuais. A restrição do desejo à vida paralela tende a sexualizar a vida amorosa de forma a despi-la de

---

<sup>8</sup> Dentre os vários pesquisadores que exploraram as especificidades do caso brasileiro, destacam-se os estudos históricos de James N. Green (2001) e as etnografias de pesquisadores como Néstor Perlongher (1987), cujas reflexões sobre o “gueto” paulistano em meados da década de 1980 permitem compreender o armário em suas particularidades brasileiras.

<sup>9</sup> Em sociedades pós-coloniais, sobretudo as de passado escravista, há um processo de sexualização da raça e racialização do sexo. Processo visível na sexualização das classes populares em geral, mas particularmente das mulheres e grupos sexuais subordinados como travestis. Don Kulick comparou e demonstrou a sexualização precoce das travestis brasileiras em relação às de países centrais. Uma hipótese que merecia ser explorada é a de que o mesmo se passa com os demais grupos sociais subordinados no Brasil. Para o caso das travestis consulte Kulick, 1998.

afetividade ou compromisso duradouro. No armário raramente se constituem amizades, já que o segredo é sempre fator individualizante, um fardo que só se pode carregar sozinho.

Além disso, as dicotomias internas a esta esfera social no Brasil são muito particulares. Ao invés do modelo mais homogêneo de homossexualidade anglo-saxão, no qual todos são igualmente gays independentemente da posição nas práticas sexuais, aqui vigoram oposições que reatualizam a velha díade bofe/bicha, ativo másculo *versus* passivo efeminado. Some-se a isto o preconceito, classista, de indivíduos de classe-média ou alta, normalmente identificados como gays e lésbicas, que se colocam em oposição às sub-culturas sexuais populares. Dessa forma, a porta do armário parece maior no Brasil, onde vigoram conflitos acirrados de uma sociedade altamente desigual em todos os aspectos, inclusive na sexualidade.

Quaisquer que sejam as especificidades nacionais e históricas, o texto de Sedgwick revela o paradoxo universal do armário: a tentativa de preservar-se da homofobia está sempre fadada ao fracasso. O armário é um lugar contraditório ou impossível, pois ninguém pode estar completamente nele nem se beneficiar da decisão de deixá-lo. Não é possível saber até que ponto a pessoa alcançou sucesso em passar por um dos heteros, mesmo que estes a tratem como “se fosse” um deles, pois eles é que podem estar enganando o “enrustido” e fingindo acreditar em suas “mentiras”. Sair dessa situação contraditória também não é uma escolha feita sob o controle de quem “se assume”, pois a decisão sempre será encarada como prematura ou tardia pelos outros.

As regras desiguais e injustas que regem o armário são visíveis até nos termos que utilizamos para descrever o seu funcionamento. O regime de verdade é claramente heterossexista, o que é visível pela dificuldade de apresentar as estratégias e táticas desenvolvidas por gays e lésbicas em busca de proteção sem as desqualificar. O armário evoca termos como “enganar”, “mentir”, “esconder-se”. Nele ou se é “enrustido” ou “assumido”,

## Comentário

mas dentro ou fora permanece a mesma ordem, a mesma lei que rege a verdade como posse dos que não se relacionam com pessoas do mesmo sexo.

No final, o amor que não dizia seu nome é convidado a se autodenunciar, não a ser aceito e reconhecido. A palavra está contra ele assim como toda ordem social (e sexual). Fazer frente às incongruências dos discursos homofóbicos se revela sem sentido, pois o poder desses discursos não está em sua lógica (claramente falha), mas em seu poder instituído de dizer a verdade sobre o Outro.

Um leitor apressado pode interrogar: Afinal, qual é a solução para o dilema do armário? Sedgwick não tem a resposta e provavelmente nem a buscou. Seu objetivo foi trazer à luz as contradições das estratégias discursivas que tentam apontar a forma “correta” de agir, de compreender a si mesmo ou, sobretudo, que tentam delimitar a verdade e quem a pode enunciar. Esse mesmo procedimento continua a guiar outros pesquisadores *queer* em suas investigações sobre as especificidades nacionais e históricas dos dispositivos de regulação da vida social por meio da sexualidade.

A reflexão de David M. Halperin sobre *A Epistemologia do Armário* é elucidativa:

[Sedgwick] exemplifica o método básico da análise foucaultiana do discurso, que é recusar entrar no conteúdo de certos discursos autoritários – neste caso, discursos homofóbicos – e analisá-los nos termos de suas estratégias (Halperin, 1995:38).

Segundo Halperin, a política *queer* reside justamente nesta recusa do jogo, na decifração de suas regras como a melhor forma de subvertê-las.

O armário não é uma armadilha sem saída. Sair dele também não é uma decisão puramente individual, pois o contexto social e histórico delimita esta possibilidade. Sair do *closet* ou não

entrar nele é uma forma de resistência e, por mais complicada e difícil que seja a vida daqueles que o recusam, ela traz uma vantagem: o controle da informação sobre a vida íntima pode impedir que outros possam usá-la contra eles em um momento inesperado. Alguém fora do armário ainda pode se deparar, esporadicamente, com manifestações de homofobia, mas é menor a dúvida sobre o que pensam a seu respeito e maior o controle sobre o que virão a fazer ou dizer em relação a ele.

#### Referências bibliográficas

- ERIBON, Didier. Um mundo de injúrias. In: *Reflexiones sobre la cuestión gay*. Barcelona, Anagrama, 2001, pp.29-194.
- FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. São Paulo, Edições Graal, 2005.
- GIDDENS, Anthony. *Sociologia*. Porto Alegre, Artmed, 2006.
- GREEN, James. N. *Além do Carnaval*. São Paulo, Editora Unesp, 2000.
- HALPERIN, David M. The Queer Politics of Michel Foucault. In: *Saint Foucault A Gay Hagiography*. New York/Oxford, Oxford University Press, 1995, pp.15-125.
- KULICK, Don. *Travesti: Sex, Gender, and Culture Among Brazilian Transgender Prostitutes*. Chicago, University of Chicago Press, 1998.
- PERLONGHER, Néstor. *O Negócio do Michê – Prostituição Viril em São Paulo*. São Paulo, Brasiliense, 1987.
- READ, Brian. *Sexual Eretics. Male Homosexuality in English Literature from 1850 to 1900*. New York, Coward-MacCann, 1970, pp.360-362.
- SAID, Edward W. *Orientalism*. London, Routledge & Keagan Paul, 1978.
- SCOTT, Joan W. A Invisibilidade da Experiência. *Projeto História*, nº 16, São Paulo, 1998, p.303-304.
- SEDGWICK, Eve Kosofsky. *Between Men English Literature and Male Homosocial Desire*. New York, University of New York Press, 1985.